

V Í N C U L O I I

Órgão Oficial da Aaacarmelitas

Nº 76/Octubre 2017

MEMÓRIAS DA ORDEM DO CARMO

Após um interregno por falta de espaço neste órgão de comunicação, retomamos hoje a retrospectiva sobre a riqueza do passado da Ordem do Carmo em Portugal, nos tempos anteriores à extinção das ordens religiosas ocorrida em 1834.

Vamos agora olhar para Évora onde, Frei Baltazar Limpo, uma das figuras mais proeminentes da Ordem do Carmo, em 1531-1532 fundou um mosteiro após ter conseguido junto das autoridades locais um amplo solar junto à ermida de S. Tomé ali existente.

Acontece que os carmelitas de então apoderaram-se de mais terreno que o doado pelo que as autoridades locais protestaram mas de nada lhes serviu porque a rainha Catarina, de quem era confessor o Frei Baltazar Limpo, em 1538, ainda lhes deu mais terreno do que tinham tomado.

Foi um importante mosteiro da Ordem pois em 1606 albergava 27 frades, o que o tornava o terceiro maior a seguir a Moura e Lisboa, embora sejam poucos e pouco relevantes os dados guardados pela história acerca da vida conventual a não ser que foram amplamente beneficiários de variados testamentos a troco de sufrágios, como era habitual ao tempo, e que as tropas de D. João da Áustria, em 1663 demoliram a fábrica conventual, podendo afirmar-se que o convento foi vítima das guerras entre Portugal e Espanha no decurso da Restauração da Independência de Portugal ficando o edifício do convento praticamente destruído com o cerco de Évora, pelo que os desalojados frades carmelitas pediram ao Rei de então, D. Afonso VI, que os deixasse habitar o antigo Paço dos Duques de Bragança em Évora, situado junto às Portas de Moura. O monarca acedeu ao pedido com a condição de manterem a célebre porta dos Nós, símbolo da Sereníssima Casa de Bragança, o que os frades respeitaram, tendo deambulado por várias casas particulares antes da concessão do Rei. A igreja foi

sagrada solenemente no ano de 1691 sendo hoje a Igreja Paroquial da freguesia da Sé, em Évora.



Porta dos Nós

Sabe-se ainda que além de vítima da guerra da Restauração da Independência, o convento do Carmo de Évora, como aliás o foram os de outras congregações religiosas, foi também vítima das invasões napoleónicas que ali provocaram um forte impacto negativo de onde saquearam todos os cálices e patenas, entre outros objectos de prata e jóias. Mas não só, maltrataram também as imagens.

O edifício conventual ergue-se ao longo da Rua da Mesquita, em linhas severas do barroco seiscentista. Foi extinto em 1834, juntamente com todas as Ordens Religiosas em Portugal, voltando então à posse da Casa

de Bragança. O convento ficara no entanto inacabado, pois faltou construir dois lanços do grande claustro e as torres sineiras da igreja.

A Rainha D. Maria II, a pedido do então Arcebispo de Évora, D. Francisco da Mãe dos Homens Anes de Carvalho, cedeu-o para Seminário Maior da Arquidiocese, que poucos anos ali se manteve tendo rumado para outras instalações. Foi então vendido à família Margiochi, que o cedeu para Colégio das Irmãs Doroteias, que viriam a ser expulsas pela implantação da república. Em 1914, foi novamente cedido à Arquidiocese, para Paço Arquiepiscopal, uma vez que a República havia expropriado o Paço junto à Sé. Na década de 1990 o Arcebispo de Évora mudou-se para um novo Paço Arquiepiscopal, devolvendo o edifício à família proprietária, que o arrendou à Universidade de Évora, que nele instalou o Departamento de Música e Teatro.

Ainda antes da fundação do mosteiro, em 1595 foram aprovados os estatutos da já criada Confraria do Carmo, que foi o embrião de uma Ordem Terceira do Carmo fundada em Évora em 1691, sabendo-se de relevante que, tal como noutras fundações carmelitas, organizavam solenemente a procissão do Triunfo, no Domingo de Ramos, que ainda hoje algumas Ordens Terceiras realizam.

Tal como outras Ordens Terceiras, não obstante a extinção das ordens religiosas, a Ordem Terceira do Carmo de Évora sobreviveu à extinção, havendo registos da sua actividade ainda em 1929.

Actualmente embora os carmelitas da antiga observância não tenham nenhuma fundação em Évora, continuam ali os carmelitas descalços através das Irmãs Carmelitas Descalças Servas dos Pobres – Comunidade de Santa Teresinha.

(A.Lino Vinhais – Fonte História do Carmo do Pe Balbino e outros textos consultados na Internet)



NOTA DA REDACÇÃO

No último número do Vínculo publicamos um texto, aliás muito bem elaborado, da autoria do Emídio Januário em que recordava os tempos da Falperra e alguns dos nossos colegas que tiveram já o seu decesso. Por lapso da composição gráfica não se incluiu o retrato do Artur Gomes da Silva, o “Charlot” para a maioria, do que nos penitenciamos.

Sabemos bem que outros já faleceram, sobretudo pela devolução de cartas com a indicação de “falecido”, mas que nada mais nos chegou até nós, porque, de facto, eram pouco assíduos aos nossos encontros. No entanto, em caso algum deixaremos de transmitir e publicar situações semelhantes desde que, em tempo útil, delas tenhamos conhecimento.



O Regresso a África...

(Com a devida vénia transcrevemos um testemunho publicado www.uasp.pt recordando a recente viagem a S. Tomé)



Depois de Cabo Verde e Guiné-Bissau, a UASP – União das Associações dos Antigos Alunos dos Seminários Portugueses – regressou a África e chegou a São Tomé e Príncipe. O projecto, antes sonhado, “Por mares dantes navegados”, continua a cumprir-se com entusiasmo e o mesmo sentido de missão: a Fé celebrada e vivida; pequenos gestos de solidariedade; abraços de proximidade e de fraternidade que ajudam a consolidar a Esperança de povos irmãos.

Quando aos 10 anos frequentava a 4ª classe, na escola modesta de uma aldeia ignota, dependurada nos montes transmontanos, soube que João Santarém e Pedro Escobar descobriram, em 1470, São Tomé e Príncipe. Sonhava, eu lá, que, séculos depois, iria pisar o mesmo chão! Pois é, em Ambolô, pude tocar no padrão que assinala o local desse feito histórico dos navegadores portugueses.

Ao tempo da descoberta as ilhas estavam desabitadas. Agora, sabemos que cerca de 190 mil pessoas, maioritariamente jovens, habitam estas terras paradisíacas. As paisagens, a fauna, a flora, mas, sobretudo, as diversas comunidades humanas são realidades fascinantes. É a Natureza no seu estado original, toda a beleza da Criação! Terra fértil. Ali, o semente saiu a semear e a semente caiu em boa terra... Como dizia o nosso guia Fernando: “... bota semente no chão e puxa logo!...”.

Desde o princípio que a influência portuguesa em África é fortemente visível. A ocupação territorial, a exploração dos recursos naturais e a evangelização. E, aqui, não foi nem é diferente, 43 anos após a independência. Mas, agora, com influência maior na cultura, no apoio e desenvolvimento social e na mensagem cristã que os naturais retribuem com amizade e generosidade. Sentimos essa exemplar atitude, com maior sensibilidade, aquando numa das visitas à ilha profunda de São Tomé, de um ancião que regressava cansado da mata onde colheu alguns frutos e, deparando com o nosso grupo, saudando-nos fraternalmente, logo partilhou connosco, com palavras amigas e sentimento cristão, os poucos frutos que trazia!...

São Tomé foi, em tempos, o principal produtor de cana-de-açúcar, intensificando-se, paralelamente, o tráfico dos escravos. Depois, apareceu a concorrência brasileira, mas a economia local recuperou, de novo, com as grandes plantações de cacau e de café. São as conhecidas roças com os padrões e os serviços... Não pretendo desenvolver este tema que teve episódios extremamente tristes e condenáveis. Porém, foi muito agradável a nossa visita ao “Museu do Café” onde um guia nos conduziu, com segurança e distinção, pelas várias fases do ciclo do café, desde a sementeira e plantação até ao grão selecionado e embalado... Hoje é uma cooperativa de pequenos produtores.

Algumas destas roças converteram-se em centros de atracção turística com estruturas e equipamentos de excelência e, principalmente, com colaboradores de elevada simpatia e qualidade profissional.

A riqueza natural e edificada dos lugares visitados e, principalmente, as comunidades humanas, maioritariamente jovens e escolarizadas, dão-nos a esperança, a médio e longo prazo, no progresso cultural e social. Entre outros factores necessários para essa merecida conquista é preciso que aconteça, também, a “conversão ecológica” dos governantes locais e mundiais, evitando, assim, o aumento da pobreza e da exclusão social, face ao consumismo desenfreado e à exploração dos recursos naturais pelos países mais ricos. Nesse sentido, a encíclica “Laudato Si”, do Papa Francisco, avisa-nos com bastante a propósito, inspirado no grande ecologista, Francisco de Assis, o Irmão Universal.

Em São Tomé e Príncipe a natureza é generosa. Colhem-se frutos variados das suas frondosas árvores, como: banana, cacau, fruta-pão, jaca, coco, manga, etc... Mas, naturalmente, não podemos esconder a existência de focos de pobreza extrema que atinge, de modo particular, as crianças, na 1ª infância, e os idosos. O que ali se vê, sente e acontece, tornou-se mais evidente nos contactos estabelecidos com a Igreja local, principalmente com o seu Bispo, Dom Manuel dos Santos, um verdadeiro pastor, profundamente identificado com o seu rebanho. Mais do que eu possa escrever, aconselho a leitura do seu livro de poemas, “De Que Cor São As Palavras?”. Tivemos o privilégio de participar no seu lançamento. Diz o autor: “... reuni poemas que ajudam a pintar a vida com as cores da esperança, com as cores da primavera e do verão, com as cores dos frutos maduros... E quando a angústia e o medo tiverem as cores da solidão e da noite escura, haja sempre uma palavra nascida no coração de alguém que seja mão amiga, candeia acesa, companhia de ternura e pão”. E o redactor do prefácio do livro afirma que “O autor tem coração missionário e vocação de profeta”. E assim é...

Os párcos, os missionários e missionárias, os jovens leigos para o desenvolvimento estão todos em comunhão com Deus, com a Igreja e com os mais pobres e os simples.

Este meu relato que procurei colorir com poucas palavras, ao jeito de “leve-leve”, como lá se diz, não pretende ser exaustivo. Certamente que haverá mais e melhores cronistas. Mas, nestas viagens africanas há sempre aventuras que exigem maior espaço. Não esqueço a emoção vivida e exuberantemente manifestada na linha do Equador, com um pé em cada hemisfério, ali, no ilhéu das Rolas, onde chegámos num pequeno barco, sulcando as ondas bravas do mar picado que parecia ralhar connosco, mas “sem guerras e perigos esforçados...”. Também não vou esquecer a “Chapelin”, um lindo papagaio africano, mascote do hotel “BOM BOM”, que, na primeira refeição ao ar livre, na ilha do Príncipe, depressa se juntou ao grupo e ajudou-me a comer o apetitoso bife de atum!!! Depois, manhã cedo, era diligente a despertar-nos para o banho nas águas azuis daquelas belas praias...

Concluo, retirando da revista “Além-Mar”, do mês em curso, o comentário de um escritor viajante: “... cada dia em África pede para ser absorvido como se não houvesse outros...”
Alfredo Monteiro – antigo aluno franciscano.



ENTRETÉM...

PENSA... MEDITA... SORRI...



“Ser feliz é...

- Agradecer a Deus cada manhã pelo milagre da vida;
 - Não ter medo dos próprios sentimentos;
 - Saber falar de si mesmo;
 - Ter coragem para ouvir um não;
 - Ter segurança para receber uma crítica, mesmo que seja injusta;
 - Beijar os filhos, mimar os pais, ter momentos poéticos com os amigos, mesmo que eles nos magoem...”
- (Papa Francisco)

Classe é Classe...

Por coincidência dois juizes encontram-se no acesso a um motel e, constrangidos, reparam que cada um está com a mulher do outro.

Não obstante o incómodo, mantendo a compostura própria dos magistrados, diz um ao outro:

- Nobre colega, e não obstante este fortuito imprevisível sugiro que desconsideremos o ocorrido, crendo eu que o CORRECTO seria que a minha mulher venha comigo no meu carro, e a sua mulher volte com Vossa Excelência no seu.

Ao que o outro respondeu:

- Concordo plenamente, nobre colega, que isso seria o CORRECTO sim... no entanto não seria JUSTO levando-se em consideração que VOCÊS ESTÃO SAINDO E NÓS ESTAMOS ENTRANDO...

Melhor definição do politicamente correcto

Na Universidade de Griffith, na Austrália, há um concurso anual sobre a definição mais apropriada para um termo contemporâneo.

Este ano, o termo escolhido foi “politicamente correcto”.

O estudante vencedor escreveu:

“Politicamente correcto é uma doutrina, sustentada por uma minoria iludida e sem lógica, que foi rapidamente promovida pelos meios de comunicação (também iludidos e sem lógica) e que sustenta a ideia de que é inteiramente possível pegar num pedaço de m... pelo lado limpo.”

As coisas têm que ser bem explicadas

- Meu filho quais são os seus pecados?
- Padre eu *com 'unguei* há três anos.
- Sim, meu filho, e quais são os seus pecados?
- Eu *com 'unguei* há três anos.
- Tudo bem, meu filho, eu sei que você comungou há três

anos. Mas isso não é pecado! Conte-me os seus verdadeiros pecados...

- Padre eu vou-lhe contar bem explicadinho: EU – COMO – UM – GAY – HÁ TRÊS ANOS!!!

Outra bem explicadinha...

A vida moderna está cada vez mais engraçada. Um jovem foi a um velório e a primeira coisa que perguntou foi:

- Qual é a senha do Wi-Fi?
- Um parente do falecido, incomodado, respondeu: - Respeite o morto!

Ao que o jovem respondeu:

- Tudo junto?!

Agonia da Madre Superiora

A Madre Superiora de uma congregação irlandesa, com os seus 98 anos, estava no leito de morte. As monjas estavam à sua volta tentando suavizar seu sofrimento. Deram-lhe leite quentinho, bebeu um gole e não quis mais. Uma monja levou para a cozinha o copo de leite e lembrou-se que na despensa havia uma garrafa de whisky irlandês que lhes haviam dado pelo Natal e depositou uma boa dose no leite.

Voltou ao leito da superiora e aproximou-lhe o copo da boca.

A superiora bebeu um golinho, depois outro, e antes que se dessem conta, bebeu até à última gota.

Então as monjas disseram: Madre, dê-nos uma última palavra de sabedoria antes de morrer!

Então a superiora num último esforço levantou-se um pouco e disse-lhes: - Não vendam essa vaca!!!

No ginásio

Um homem bem maduro mas também fora de forma treinava no ginásio quando avista uma linda garota ali por perto e, entusiasmado, perguntou ao treinador:

- Que máquina devo usar para impressionar aquela coisinha boa ali?

O treinador olhando bem para o fulano, examina-o de cima a baixo e responde-lhe sorridente:

- A máquina do Multibanco no corredor de entrada!

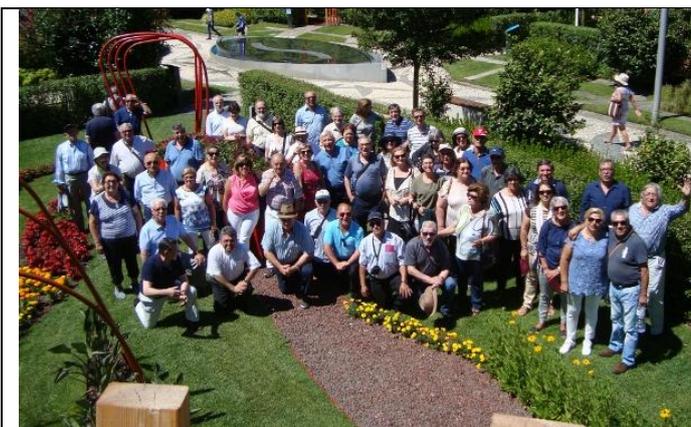
(Amadeu Teixeira)

O passado recente e ...

1. Realizou-se no dia 8 de Julho, no Seminário do Sameiro, o encontro anual AAACARMELITAS, este ano particularmente participado, conforme a seguir se ilustra:



2. Também bastante participada foi a jornada cultural da UASP que este ano decorreu nos dias 1e 2 de Julho, em Viana do Castelo.



3. Decorreu no passado dia 5 de Outubro na Casa S. Nuno em Fátima a reunião anual dos responsáveis por cada uma das casas carmelitas, incluindo ordens terceiras, confrarias e a AAACARMELITAS, com vista à planificação anual de trabalhos onde, entre outras decisões, foram calendarizadas algumas realizações para o ano de 2018, permitindo-nos destacar as mais próximas: - O retiro anual da Família Carmelita que ocorrerá na Casa S. Nuno de 19 a 21 de Janeiro próximo e o encontro anual da Família Carmelita que decorrerá no mesmo local nos dias 24 e 25 de Fevereiro.

... O futuro próximo da Associação

1. Como se dá conta na última página, decorrerá no próximo dia 11 de Novembro o já habitual magusto.
2. Realizar-se-á no próximo dia 25 de Novembro, no Seminário Diocesano de Leiria, a assembleia-geral de Outono da UASP, que será também assembleia eleitoral. Se alguém quiser participar poderá fazê-lo, basta informar a direcção.

MAGUSTO/2017



Mais uma vez vamos realizar um magusto.

Será no dia 11 de Novembro próximo, **pelas 16 h** no já habitual restaurante do museu D. Diogo de Sousa, sito na Rua dos Bombeiros Voluntários, bem no centro da cidade de Braga, um agradável espaço onde a gastronomia é excelente.

O custo será de € **18,50, por pessoa**. Crianças até aos 10 anos pagam metade

ABERTURA:

Castanhas e Jeropiga

APERITIVOS:

Queijo fresco c/compotas e ervas aromáticas; Ovos de codorniz salpicados; Presunto c/brôa; Salpicão regional; Rissóis de camarão; Camarão panado; Pastéis de bacalhau; Pataniscas de bacalhau; Rissóis de carne; Croquetes; Rissóis de leitão; Bola de carne; Empadinhas de vitela; Chamuças; Mini quiches (espinafres, queijo e frango, etc.); Panadinhos de vitela/perú e porco; Cogumelos de várias formas.

QUENTES: Bacalhau em cama de grelos com batata a murro e Cachaço de porco com castanhas

BUFET DE SOBREMESAS: Fruta laminada e Doce

BEBIDAS: Verde branco; Tintos maduros; Sumo de laranja; Refrigerantes; Água lisa; Café e chá

Aproveita-se para lembrar aos associados que as quotas podem agora ser pagas por transferência bancária através do
IBAN

PT50 0036 0345 9910 0005 445 53

Sede Social: Seminário Carmelita – Sameiro 4715-450 BRAGA – Telefone: 253 675 331

Órgãos Sociais em Gestão Corrente:

Mesa da Assembleia Geral: *Presidente: Joaquim Vilela de Araújo; Secretários: António Abreu Pereira e António da Silva Costa.*

Conselho Fiscal: *Presidente: Manuel Vaz Alves; Vogais: Alexandre Augusto Dias Sampaio e Agostinho do Vale Ferreira.*

Direção: *Presidente: Américo Lino Vinhais (Tel. 222004371/968098545); Vice-Presidente: Evaristo Silva Domingues (Tel. 224897872/936412519); Secretário: João Baptista Martins (Tel. 222015165/966778491); Tesoureiro: José Joaquim Silva Cachetas (Tel. 253925251/914517475) Vogal: Pe António Monteiro*

Endereços: @mail: aaacarmelitas@gmail.com; Blog: <http://aaacarmelitas.blogspot.com>

IBAN PT50 0036 0345 9910 0005 445 53

Nº 76 - Distribuição gratuita; Tiragem 350 exemplares.

(Os artigos publicados no Vínculo e assinados são da responsabilidade dos seus autores.)